

## Ensino de Língua Portuguesa na Educação Bilíngue

Elane Cabral Santos<sup>1</sup>

Thalia Maciel Dias<sup>2</sup>

Ana Letícia Ferreira de Carvalho<sup>3</sup>

### RESUMO:

Este trabalho trata-se do ensino da língua portuguesa no contexto escolar indígena, pois vivemos numa sociedade multicultural. Assim, a adaptação do português é frequente e é de suma importância por ser o idioma oficial nessa região, principalmente pelos indígenas que desde cedo tiveram que se habituar com a presença da língua portuguesa no contexto escolar. O objetivo principal desta pesquisa é esclarecer como está sendo realizado o ensino de língua portuguesa dentro da comunidade escolar indígena. Dessa forma, percebe-se que a língua portuguesa está sujeita a ser um ponto principal de partida para aqueles que são obrigados a ter o domínio dela como segunda língua, para sua formação profissional. E nessa perspectiva, a educação escolar indígena tem como intuito trazer conhecimentos e habilidades na compreensão da segunda língua, ou seja, tornar os jovens futuros profissionais bilíngues. Esta pesquisa fundamentou-se na ideologias de dois grandes autores como em Maher (2006), Savedra (1994) e tem como fonte de análise o RCNEI (1998).

**Palavras-chave:** Educação Escolar Indígena. Educação Bilíngue. Ensino de Língua Portuguesa.

### ABSTRATC:

This work deals with the teaching of the Portuguese language in the indigenous school context, since we live in a multicultural society. Thus, the adaptation of Portuguese is frequent and is of great importance because it is the official language in this region, especially by the natives who had to get accustomed to the presence of the Portuguese language in the school context. The main objective of this research is to clarify how Portuguese language teaching is being carried out within the indigenous school community. In this way, it is perceived that the Portuguese language is subject to be a main point of departure for those who are required to have mastery of it as a second language, for their professional training. From this perspective, indigenous school education aims to bring knowledge and skills in the understanding of the second language, that is, to make future young people bilingual. This research was based on the ideologies of two great authors as in Maher (2006), Savedra (1994) and has as a source of analysis the RCNEI (1998).

**Keywords:** Indigenous School Education. Bilingual Education. Teaching of Portuguese Language.

---

<sup>1</sup> Elane Cabral Santos Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, Letras, lane55987.@gmail.com

<sup>2</sup> Thalia Maciel Dias Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, Letras, thaliamacieldias.@gmail.com

<sup>3</sup> Ana Letícia Ferreira de Carvalho Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, Analeticia.@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como finalidade uma discussão acerca do ensino de língua portuguesa na educação bilíngue, no ensino fundamental do 7º ano 1 da Escola Estadual Elécia Campos Manduca, localizada na comunidade indígena de Umariáçu II. É de suma importância este assunto, pois vivemos num município que é multicultural. Por essa razão, a aquisição da língua portuguesa no contexto escolar é frequente, principalmente por indígenas da etnia Tikuna, que tiveram que se adaptar desde cedo ao português como segunda-língua.

Ao longo do tempo a trajetória sucessiva de mudanças conceituais sobre a língua portuguesa vem mudando o ensino, fazendo com que os professores repensassem a estratégia no desenvolvimento do aprendizagem dos alunos. Sendo que essas mudanças, dificultam o aprendizagem daqueles que querem ter domínio e a compreensão da língua portuguesa como segunda-língua. Para o indígena, ter o domínio da língua oral e escrita, é fundamental para a formação social afetiva do indígena, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso a informações, ou expressa e defende o seu ponto de vista, compartilhando ou construindo suas próprias visões de mundo.

Com tudo isso, a língua portuguesa está sujeita a ser um ponto principal de partida para aqueles que são obrigados a ter o domínio dela como a segunda língua, para sua formação profissional. E a escola juntamente com o professor, tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos de forma legível, necessários para o exercício da cidadania que é direito de todos.

E nessa perspectiva seguiu-se a ideologia de dois grandes autores como a Maher(2006), Savedra(1994) e tem como ponto de análise o RCNEI(1998). Que contribuíram na fundamentação deste trabalho.

Portanto, o objetivo da pesquisa foi investigar o desenvolvimento do ensino da língua portuguesa dentro do contexto escolar indígena. Trazendo através da coleta de dados, os pontos positivos e negativos sobre o ensino de língua portuguesa na Escola Estadual Elécia Campos Manduca, localizada na Comunidade Umariáçu II.

### **1. Procedimentos metodológicos**

Para cumprir os objetivos da pesquisa, foram utilizados o notebook, celular (para gravar o áudio dos entrevistados), folha de papel A4 para imprimir o questionário e termo de consentimento e bloco de anotações.

A pesquisa foi realizada no dia 12 de setembro de 2018 e estendeu-se até o dia 27 de setembro na Escola Estadual Elécia Campos Manduca, localizada na comunidade Umariáçu II. O trabalho desenvolveu-se com alunos de aproximadamente 11 (onze) a 14(quatorze) anos do Ensino Fundamental, e o método de abordagem para essa pesquisa foi qualitativo.

Primeiramente foi realizada a elaboração do termo de autorização e questionário para os participantes responder.

A pesquisa de campo iniciou-se no dia 12 (doze) de setembro de 2018, fomos direcionados até a escola para fazer o reconhecimento do local e a sala onde foi realizada a pesquisa. Com o objetivo de complementar os dados para enriquecimento do trabalho, nessa mesma data foi realizada uma entrevista com o professor, depois disso entregamos o questionário para ele responder sobre o desenvolvimento do aprendizado dos alunos. Nesse mesmo instante analisamos o livro didático de língua portuguesa utilizado pelo professor e levantamos o grau de formação do docente.

No dia 20 (vinte) de setembro voltamos novamente para a escola e ficamos assistindo a aula do professor. A observação se estendeu em dois dias. E prosseguimos com a nossa pesquisa até o dia 27 (vinte e sete) de setembro, quando fizemos o levantamento de dados, falamos com os alunos e finalizamos com a entrega do questionário.

O questionário elaborado é uma das técnicas mais utilizadas para a coleta de dados, pois possibilita que o pesquisador colete os fatos decorrentes quanto ao ensino de língua portuguesa dos participantes da pesquisa.

### **1.1. Perfil dos Participantes da Pesquisa**

Os participantes da pesquisa tinham a faixa-etária entre 11 a 14 anos de idade, com filiação de pais indígenas e somente dois não eram indígenas, mas moravam na comunidade, cursando o 7ª ano 1, do ensino fundamental na Escola Elécia Campos Manduca, localizada na comunidade Umariáçu II. A turma era composta por 18 alunos, aparentemente a maior quantidade é de meninas do que meninos. Os educandos são tranquilos e respeitosos, são jovens bilíngues, mas dificilmente se ouve o diálogo entre alunos na segunda língua, a comunicação sempre se dava na língua materna.

O professor entrevistado tinha 57 anos de idade, é indígena (mora na comunidade Umariáçu II desde que nasceu), formado em Licenciatura em Letras em 2005, na Universidade do Estado do Amazonas-UEA, atua como docente há 18 anos, mas como docente da

Comunidade atua há 9 anos. Ministra suas aulas nos dois idiomas, primeiramente na língua materna e em seguida em Português, segunda língua. O perfil do docente se enquadra nos Parâmetros Curriculares da Educação Escolar Indígena (RCNEI), pois segue os padrões de profissionais que se determinam a lutar e usar seu conhecimento da segunda língua para atribuir mais qualidade para o ensino na comunidade.

## **2. Pressupostos Teóricos**

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) –1998, aborda sobre as Escolas Indígenas do Departamento de Política da Educação Fundamental, apresentando à comunidade educacional brasileira as referências para a formação de professores indígenas que atuam no campo da educação escolar indígena e se baseia na elaboração e implementação de programas de educação escolar.

De acordo com RCNEI-1998 é de suma importância para os indígenas, os preceitos que existem na legislação em relação ao direito dos índios a ter uma educação específica, diferenciada e de qualidade, que se classifica em: criação, implantação, implementação, funcionamento e regularização das escolas indígenas no estado; plano de atendimento às escolas indígenas e regularização da situação profissional dos professores indígenas.

Esses critérios permitem que a educação indígena no contexto de ensino possibilite uma série iniciativas na formação tanto dos jovens quanto dos futuros professores, e que a escola seja beneficiadora por sua inclusão no sistema educacional brasileiro, possibilitando formar profissionais de qualidade mas, para que esse objetivo se torne visível, segundo o RCNEI (1998), é preciso que os sistemas estaduais devem estruturar instâncias administrativas próprias, de modo que respondam ao seu dever de atender as demandas educacionais oriundas das populações indígenas cujas terras estejam localizadas dentro do estado, ou seja, que o próprio índio de acordo com a sua comunidade, se torne o líder da sua comunidade para buscar as referências da prática escolar. Para que assim a escola se torne uma escola de autodeterminação para os indígenas. Levando os indígenas a atuarem de forma crítica, consciente e responsável nos diferentes contextos no qual a escola indígena estiver localizada.

O intuito do RCNEI (1998) é de priorizar as reformas nas áreas de gestão e política educacional voltada especificamente para o ensino da educação indígena com o desenvolvimento curricular e as experiências pedagógicas que são emergidas dentro do âmbito escolar. Baseando-se nisso, os principais objetivos são: formação de educadores capazes de

assumir as tarefas e de técnicas aptas a apoiá-las e viabilizá-las, elaboração e implementação de programas de educação que melhor atendam os anseios e os interesses das comunidades indígenas.

E nessa perspectiva, a educação escolar indígena tem como intuito de trazer conhecimentos, pela qual as crianças e jovens adquirem o aprendizado por meio das atividades aplicadas em sala de aula, isso é atingido através do docente e com isso levam uma experiência de vida no dia a dia. No âmbito escolar indígena é muito diferente pois não é só o professor que ensina aos seus alunos e sim toda a família, como podemos notar na tese de Maher (2006):

A Educação Escolar indígena pode ser encaixada em dois paradigmas. Paradigma assimilacionista o que se pretende é em última instancia, educar o índio para que ele deixe de ser índio: o objetivo do trabalho pedagógico é fazer abdicar de sua língua, de suas crenças e de seus padrões culturais e incorporar, assimilar os valores e comportamentos, inclusive linguístico da sociedade nacional. E o paradigma emancipatório o que se quer promover é um bilinguismo aditivo pretendendo que o aluno indígena adicione a língua portuguesa ao seu repertório linguístico, mas pretende-se também que ele se torne cada vez mais proficiente na língua de seus ancestrais, pois insiste-se na importância de que a língua de instrução seja a língua indígena ao longo de todo o processo de escolarização e não apenas nas séries iniciais. A escola é tudo o espaço físico da comunidade, na Educação indígena não existe a figura do professor. São vários os professores das crianças, a mãe ensina :ela é professora, O pai é professor, o velho é professor, o irmão mais velho é professor e todo mundo é aluno. Não como em nossa sociedade um único detentor do saber autorizado por uma instituição para educar as crianças e os jovens. (MAHER, 2006, p. 20 a 22).

No ponto de vista de Maher (2006), bilíngue é aquela pessoa que fala duas línguas, ou seja resigna a sua língua materna para ter contato com a outra língua, assim como no caso dos indígenas, aprendem a falar o português para se comunicar, socializar e se adaptar com outras pessoas, como o não indígena que não são do seu mesmo grupo social, e através disso eles conseguem ter uma habilidade e compreensão da segunda língua.

Conforme Maher (2006), se o bilinguismo do falante é considerado não um atributo mas sim um problema, o que se pretende promover é um bilinguismo subtrativo, o que se pretende é subtrair a língua materna do repertório do falante, a criança começa sua escolarização monolíngue em língua indígena, passa a um bilinguismo transitório nas duas línguas e termina monolíngue na segunda língua que é o português, pois procura se substituir o referencial cultural pelos valores e práticas da sociedade dominante.

Savedra (1994, p. 27). Afirma que: “bilíngue se modifica na trajetória da vida dos indivíduos e assume diferentes contornos em relação ao domínio e à variação de uso de ambas línguas e o bilinguismo é a situação que coexistem duas línguas como meio de comunicação”.

Assim, o termo bilíngue se utiliza em referência a quem fala duas línguas ou aquilo que está escrito em duas línguas, é quando o indivíduo tem o conhecimento de outra língua fora da

sua língua materna, assim como o povo Tikuna que fala na sua língua materna e na segunda língua que é o português. Desse modo, conseguem adquirir habilidade e capacidade de aprender a outra língua tendo a facilidade de conseguir se expressar em ambas as línguas

Nessa perspectiva a comunidade em si, junto com os profissionais da área da educação, tem como dever de promover as condições que são exigidos, nos parâmetros curriculares da educação. Para que assim, formem futuros profissionais de qualidade e bilíngues na área da educação indígena, pois formando bons profissionais contribuirá no crescimento tanto para comunidade quanto para formação de outros que estão iniciando. Mesmo que enfrente obstáculos alcançaram resultado agradável para o ensino indígena. Como disponibilizar o autor GRUPIONI (2006, p. 42).

“A educação escolar em terras indígenas é hoje um desses espaços em que se defrontam concepções e práticas sobre o lugar dos índios na sociedade brasileira, onde leis inovadoras se defrontam com práticas arcaicas, onde os povos indígenas têm buscado o exercício de uma nova cidadania”.

Essas concepções citado pelo autor é provavelmente notável, principalmente quando se tratar da convivência social. A subjugação por parte de alguns membros como o não-índio por exemplo, faz com o que o índio se recuse está no meio das pessoas que não são da sua origem. E por isso o próprio indígena buscar uma forma de renovação que implementa o desenvolvimento do ensino na comunidade Olhando retrospectivamente a escola na comunidade indígena, já existia desde antigamente, mas o método do ensino era totalmente diferente e com outro objetivo, a construção da escola dentro da comunidade era para domesticar os índios, ou mesmo deixar seu costume e sua língua-materna de lado, e assim assimilar os costumes do não-índio.

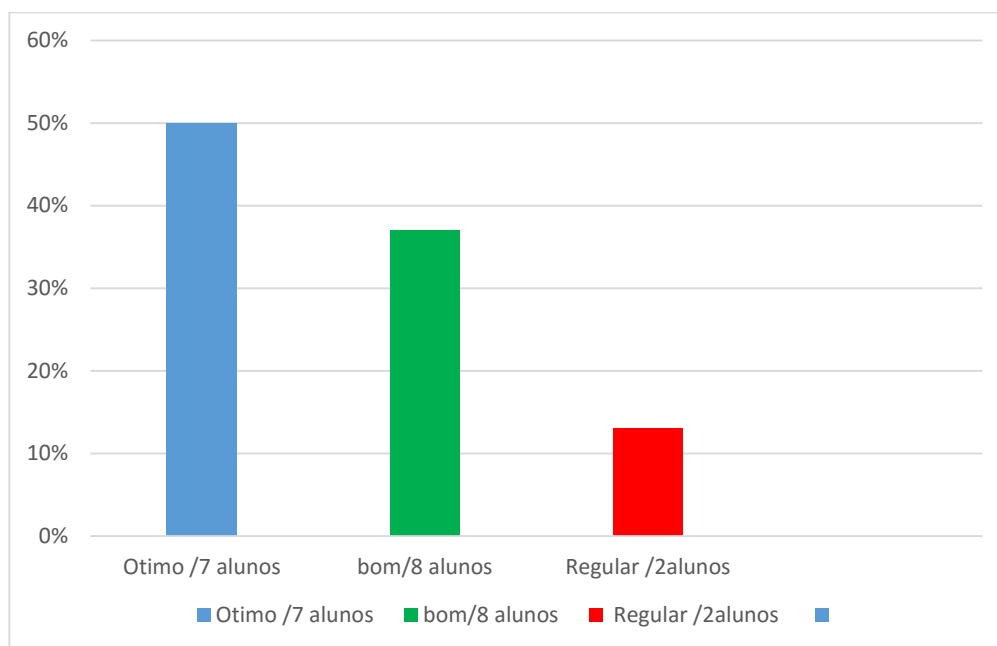
Portanto, ao longo do tempo houve processo de estudo e reuniões que promoveu sobre novas concepções sobre adaptação dos índios ao costume e saberes linguístico nacional, surgindo assim, regras com que fizesse sentido para o indígena buscar o seu direito. Para (FERNANDES. 1964, p.10). A educação “ideal” seria aquela que preparasse o indivíduo para as escolhas que respondessem em termos da dinâmica do sistema social de reintegração do padrão da existência da ordem e justiça social.

### **3. Discussão dos resultados da pesquisa**

O questionário disponibilizado se compôs de 10 (dez) questões acerca do desempenho dos alunos quanto ao ensino da língua portuguesa na instituição. A turma selecionada como fonte de pesquisa, apresentava um perfil de alunos aparentemente esforçados, mesmo com a aparente dificuldade com relação à L2 (língua portuguesa).

O gráfico abaixo mostra os resultados coletados através da pesquisa de campo, realizada com os alunos da turma do 7º ano 1, da escola Elécia Campos Manduca:

**Gráfico 1 - índice de aproveitamento dos alunos do 7º 1**



Fonte: Elane Cabral Santos e Thalia Maciel Dias, 2018.

No gráfico acima, podemos verificar o grau do desempenho dos alunos de acordo com o ensino/aprendizagem dentro da instituição. Notamos que 50% dos alunos conseguiram responder o questionário, 30% mesmo com dificuldade se esforçaram para desenvolver a última questão, que foi solicitada com o intuito dos educandos expor a sua própria opinião sobre o ensino de língua portuguesa, 18% dos alunos foram regular e não conseguiram responder a última questão, deixando em branco algumas questões de múltipla escolha.

Através do resultado verificou as respostas de cada participante, observamos que os alunos possuem muita dificuldade em escrever corretamente de acordo com as regras da língua portuguesa, nesse caso o fator considerado é o fato da língua portuguesa não ser a sua língua materna. Mas, por outro lado apresentaram uma maior porcentagem de resultado positivo de que o ensino da língua portuguesa no contexto escolar indígena apresenta-se de forma positiva

quanto às questões metodológicas e da própria formação dos professores da Escola, que hoje, em sua maioria, são indígenas.

### **3.1. O grau de formação do professor e sua metodologia de ensino**

Durante a pesquisa identificamos que a maioria dos professores são indígenas e bilíngues, somente um docente que trabalha na escola não é indígena. O professor entrevistado é indígena (mora na comunidade Umariçu II, desde que nasceu), formado em Licenciatura em Letras no ano de 2005, pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA, já atua na sua área há dezoito (18) anos e trabalha na escola há nove (09) anos.

No processo da entrevista com o professor quase não notamos em sua fala traços de que a língua portuguesa seria L2 para o mesmo, pois apresentou poucos desvios para um falante de L2. Quanto ao ensino bilíngue, primeiramente o professor desenvolve atividades explicando na língua-materna e depois na L2 (Português). Essa metodologia é adotada porque os alunos, em sua maioria, ainda não apresentam um bom domínio da segunda língua, por isso apresentam dificuldades de compreender as atividades solicitadas pelo professor durante o desenvolvimento de suas aulas.

Os professores da escola, em sua maioria, são bilíngues, e isso se apresenta como um fato positivo para um ensino bilíngue de qualidade, Pois, sendo o professor indígena facilita o entendimento dos alunos e ao mesmo tempo incentiva os discentes a não esquecerem sua língua materna e seus costumes tradicionais, mesmo quando estes saírem para estudar e/ou trabalhar fora da sua comunidade.

No recorte abaixo, o professor esclarece essa questão da dificuldade dos estudantes no desenvolvimento das atividades, que não diz respeito somente na questão da língua(oral), mas também na execução das atividades escolares, como compreensão de textos (escritos). Passemos à fala do professor:

*PROFESSOR: “As crianças não procuram ter o domínio do português, não tem incentivo dos pais. Por isso existe essa dificuldade, porque os pais só espera da escola ou do professor para resolver esse problema. Em vez dos pais também ajudar no aprendizagem do filho, os pais não se importam e não procuram se tem atividades para os filhos fazer ou mesmo incentiva-lo a estudar. Pois muitas vezes já presenciei situações onde a criança volta para sala de aula com a atividade em branco e muitas vezes não responde porque não sabem responder ou porque tem dúvidas. Por isso que existe ainda essa dificuldade no domínio da língua portuguesa tanto no oral/escrito. E essa dificuldade vai além, se o jovem não buscar uma forma*



*de melhorar o seu domínio na língua, e quando não procurar tem a dificuldade no domínio e na compreensão do outro idioma(português), como pode ser notado quando estudam fora da comunidade. Mas muitas vezes o indígena entende o idioma, mais na hora de falar não consegue, e tem aqueles que tem mesmo a dificuldade em compreender e ter domínio da segunda língua.”*

Além disso, o professor apresenta dois aspectos, diferenciando os jovens indígenas que vivem na cidade que já falam dois idiomas, compreende e fala bem o português, e os jovens indígenas da comunidade que não têm o domínio da segunda língua. O professor explica essa questão:

**PROFESSOR:** *“Tem pessoas que vivem na cidade que já tem mais facilidade na compreensão da segunda língua, isso já é possível porque já tem convivência com pessoas não-indígena ou tem parentesco não-índio dentro da família, por isso se torna mais fácil o aprendizagem daquele jovem. Bem diferente daqueles que convivem na comunidade, porque não tem incentivo, não tem convivência ou não tem parentesco não-índio, para que o jovem possa ter aquele estímulo e, tornando assim o domínio difícil”.*

No recorte acima, notamos que a aprendizagem dos jovens que vivem e estudam na comunidade se torna mais difícil por falta de incentivo dos familiares. Com isso, o esforço dos professores em ensinar as crianças dentro da comunidade não alcança o resultado esperado, porque os pais não acompanham a vida escolar dos filhos. Isso é importante porque a criança precisa desse incentivo familiar e não só da Escola para alcançar uma boa formação.

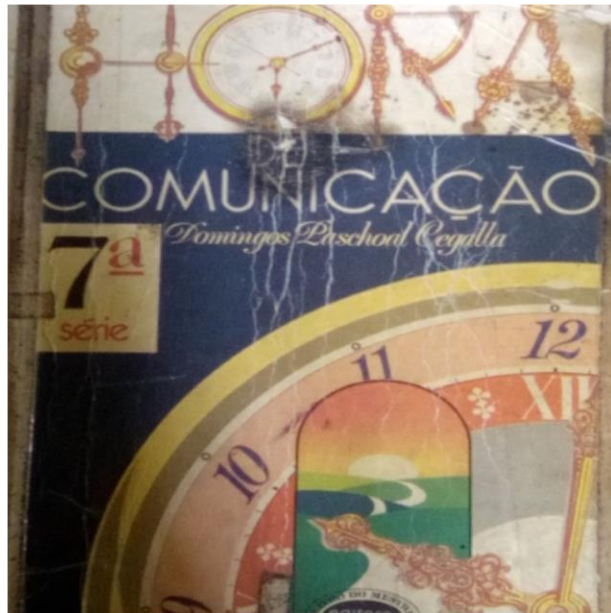
### **3.2. Materiais Didáticos/Estratégias**

A presença de livro didático na escola é essencial para o trabalho do professor, pois é através desse instrumento que o professor vai aprimorar as estratégias de ensino para a execução de suas aulas. No entanto, nem todas as escolas tem o privilégio de ter materiais didáticos ou livros didáticos para aprimorar o ensino. A Escola selecionada para a pesquisa é precária quando se fala em materiais didáticos e o próprio livro didático, instrumentos mínimos necessários para apoiar o professor na execução de suas aulas. Como não há livros na Escola a própria biblioteca fica fechada, que seria mais um local de apoio para as atividades que o professor precisa desenvolver.

O livro didático de língua portuguesa adotado pelo professor, conforme ilustrado abaixo, pertence ao próprio docente e é o mesmo utilizado por ele quando estava cursando o seu

magistério. Ao analisarmos o livro, nota-se que o mesmo já é antigo e ultrapassado no que diz respeito aos referenciais curriculares para o Ensino de Língua Portuguesa, entretanto é utilizado mesmo assim pelo docente que não tem outra opção, pois não há livros didáticos disponíveis na Escola. O próprio docente, de acordo com sua formação, que atualiza as informações no momento de suas aulas.

Figura 1: Livro de Língua Portuguesa



Fonte: Elane Cabral Santos, Thalia Maciel Dias, 2018

Como há essa carência de material para o ensino, os próprios professores da escola é que vão em busca de seus materiais didáticos para trabalharem em sala de aula. Essa falta de material básico complica o trabalho dos profissionais da área, pois é dever do Estado oferecer as condições necessárias para o desenvolvimento da Educação e qualificação docente. Segundo informações obtidas, há falta de material didático porque a instituição passou por reformas e a maioria da parte documental da escola, bem como os materiais didáticos se perderam durante o processo de mudança.

### **Considerações finais**

Ao dispormos a pesquisar o ensino de Língua Portuguesa na Escola Indígena Elécia Campos Manduca e analisarmos os principais aspectos apontados pelos docentes e discentes da referida escola, entendemos que, de fato a Educação Escolar Indígena enfrenta alguns reveses,

principalmente quanto ao fato do professor não dispor de instrumentos básicos de ensino para trabalhar a questão linguística de seus alunos, no que diz respeito a torná-los de fato, bilíngues, e alcançarem o nível de bilinguismo que se espera para formar um futuro profissional de qualidade. Nesse caso, o bilinguismo num nível mais elevado, possibilitará a esses alunos mais facilidade quando chegar o momento de sair da comunidade para cursar um nível superior como também àqueles que precisarem trabalhar fora da comunidade.

Foi verificado também, que as dificuldades encontradas quanto ao domínio oral e escrito da L2, grande parte se dá pelo fato da língua portuguesa não ser a língua materna desses alunos, justamente por isso, o Estado deveria investir em políticas linguísticas para a Comunidade e cumprir com o dever mínimo que é garantir a escola no Programa Nacional do Livro Didático e com isso o livro chegar na Escola. Outro fator a destacar é a falta de incentivo e acompanhamento da família na vida escolar do aluno, pois verificamos que muitos alunos não faziam as atividades escolares passadas para casa. Segundo o professor entrevistado, a prática dos pais que falam a L2 junto com os filhos, seria o ponto principal para amenizar a dificuldade em se comunicar na L2, desse modo esta participação dos pais contribuiria para a prática da segunda língua.

Portanto, este trabalho foi de suma importância no sentido de mostrar como encontra-se o ensino de língua portuguesa na referida escola, e destacar as principais dificuldades que os professores enfrentam para tentar promover um ensino de qualidade na Comunidade Indígena e atender aos referenciais curriculares no que diz respeito à área de Linguagem.

### **Referências bibliográficas:**

FERNANDES, Florestan. **Notas sobre a educação na sociedade tupinambá**, São Paulo: jan. 1988.

LADEIRA, Maria Elisa. **Educação Escolar Indígena: Projetando Novos Futuros**. Acessado em 14/4/2006.

MAHER, Teresinha. Machado. Formação de professores indígenas: uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (Org.). **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. Cap. 1, 11-37.

Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental –Brasília :MEC–SEF,1998.

Referenciais para a formação de professores indígenas/Secretaria de Educação Fundamental-Brasília: MEC; SEF;2002.84p.

SAVEDRA, M.M.G. **Bilinguismo e bilinguidade**. O tempo passado no discurso em Língua portuguesa e língua Alemã. UFRJ, Faculdade de Letras, Tese de Doutorado, Inédita, 1994.

SILVA, Aracy L. da; GRUPIONI, Luis D.B, **A Temática Indígena Na Sala De Aula, novos subsídios para professores 1º e 2º grau**, 1º ed: Global Editora e distribuidora LTDA,1995.

## APÊNDICE

## QUESTIONARIO PARA OS ALUNOS

1. As dificuldades enfrentado pelos alunos ao estudar a língua portuguesa é:
  - a) Bom
  - b) Regular
  - c) excelente
  
2. A estratégia da escola ao aprendizado dos alunos indígenas para se tornarem bilíngues, é suficiente para os alunos encara a vida profissional fora da comunidade.
  - a) Sim
  - b) Não
  
3. O estudantes jovens tem o domínio e compreensão da língua portuguesa.
  - a) Sim
  - b) Não
  
4. Os alunos conseguem desenvolver as atividades e trabalhos em ambas línguas:
  - A) sim
  - B) Não
  
5. A escola disponibiliza alguma atividade fora da instituição para que os alunos pratiquem o português.
  - a) Sim
  - b) Não
  
6. Dentro da comunidade escolar, os estudantes conseguem se adaptar com ambas línguas que é o português e a sua língua materna.
  - a) Sim
  - b) Não
  
7. Os alunos tem a habilidade de se comunicar corretamente na língua portuguesa com as pessoas não indígena.
  - a) Sim
  - b) As vezes
  - c) Sempre
  
8. Dentro de casa os estudantes são incentivados a falar as duas línguas?
  - a) Sim
  - b) Sempre
  - c) As vezes
  - d) Nunca

9. O processo de ensino de língua portuguesa na escola indígena, contribui com a formação dos estudantes ?

a) Sim

b) Sempre

c) As vezes

10. Na sua opinião, Quais são as dificuldades de aprender a língua portuguesa dentro da comunidade escolar. Cite as dificuldades :

